

**EDUCAÇÃO E CLÍNICA NO CONTEMPORÂNEO: ENTRE GREGOS E MODERNOS, COMO TEMOS VIVIDO?**

**EDUCATION AND CLINIC IN THE CONTEMPORARY: BETWEEN GREEK AND MODERN, HOW WE HAVE LIVED?**

**Cristine Mattar<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal Fluminense/Instituto de Psicologia/Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia/cristinemattar.cm@gmail.com

**RESUMO**

O artigo inicia com o diálogo platônico Laques ou da Coragem, para mostrar como se dava a preocupação com a formação dos filhos entre os gregos no período clássico e, na sequência, aponta para a diferença em relação ao modo como se procura formar, hoje, crianças e jovens. Este modo vem produzindo consequências que geram situações clínicas cada vez mais direcionadas ao psicólogo. A nosso ver, as preocupações atuais com o futuro dos filhos, identificadas com os anseios de sucesso, força, vitória e riqueza, situadas no âmbito da configuração familiar contemporânea, bem como a cena clínica em que tais questões vêm sendo desveladas, não podem ser pensadas sem que se leve em conta o horizonte histórico atual, marcado pela técnica, calculabilidade e poder, na medida em que somos dispostos ontologicamente ao corresponder ao ser de todos os entes de modo instrumental. Assim, o cuidado, relação originária com tudo o que vem ao nosso encontro no mundo e que nos constitui, vem se dando ao modo da provocação a tudo utilizar e explorar como recurso disponível, inclusive os próprios filhos.

**Palavras-chave: Educação; Clínica; Gregos; Modernos.**

**ABSTRACT**

The article begins with the Platonic dialogue Laches or Courage, to show how the concern for the Greeks children's education in the classic period was given and, next, points to the difference in relation to the way in which children and young people are educated today. This way has produced consequences that generate clinical situations increasingly directed to the psychologist. In our view, the current preoccupations with the future of the children, identified with the yearnings of success, strength, victory and wealth, within the context of the contemporary family configuration, as well as the clinical scene in which such questions have been unveiled, can not be conceived without considering the current historical horizon, marked by technique, calculability and power, insofar as we are disposed ontologically as corresponding to the being of the beings in the mode of instrumental care. Thus care, the original relationship with everything and that comes to meet us in the world and which constitutes us, has been given to the way of provocation to use everything and to explore as an available resource, including the children themselves.

**Key-words: Education; Clinical; Greeks; Modern.**

### **Sobre a coragem de não aconselhar**

Em um dos diálogos éticos de Platão (2010), o *Laques*, encontramos pais preocupados com a formação dos filhos. Lisímaco e Melésias, pais de Tucídides e Aristides (a idade dos meninos não é revelada), pedem conselhos a Nícias e Laques, que foram escolhidos para opinar por também serem pais. Convidados a assistirem à luta de couraça (luta com armas pesadas), irão opinar sobre ser este aprendizado útil ou não à formação dos dois adolescentes. Lisímaco esclarece que ele e Melésias decidiram conceder aos filhos o mais constante cuidado que puderem, para não se comportarem como a maioria dos pais de sua época, que permitiam aos filhos adolescentes fazerem o que quisessem.

Durante boa parte do diálogo, esses quatro personagens falam entre eles. Após algum tempo é que surge Sócrates, que estava presente desde o início no ginásio, em silêncio. Chamado a opinar, pede que Nícias e Laques, duas autoridades em matéria marcial, façam, primeiramente, seus discursos, para depois, então, se manifestar.

Nícias defende a luta de couraça, utilizando argumentos gerais e formais. Diz que a prática da luta é benéfica, pois empregará o tempo em algo que melhorará a saúde física e por ser adequada a um homem livre. Que a luta seria de utilidade na batalha e tornaria o homem (fala sempre no impessoal, como se falasse de todos os homens), audacioso e corajoso na guerra. Por isso apóia o ensino da habilidade aos jovens.

Laques se posiciona contrariamente a Nícias. Com base em sua experiência no campo de batalha, não vê utilidade no treino da luta em questão: ao covarde ela tornaria temerário, ao corajoso, alvo de maior cobrança e acusação, caso falhasse.

Lisímaco pede a Sócrates que dê o voto de Minerva: afinal, a luta deve ou não ser ensinada? Sócrates, surpreso, responde com uma pergunta: Lisímaco iria decidir com base na aprovação pela maioria? O critério não deveria ser o conhecimento? Além disso, o objeto da investigação não era a luta, mas um aprendizado que fosse útil à alma dos jovens. E, mais do que isto, era dos próprios interlocutores que se tratava. Teriam condição de decidir o que seria ou não importante na formação dos filhos se eles mesmos ignoravam? Se não sabiam sobre si mesmos ou sobre a virtude que gostariam que os jovens desenvolvessem, como opinar?

O diálogo tem aspectos que levam à reflexão. O primeiro é que Lisímaco e Melésias recorrem a outros pais para que aconselhem segundo sua experiência. Não recorrem ao especialista, que na época seria o sofista, para opinar. O segundo é que a

decisão a ser tomada não prescinde da experiência prática com a luta, que todos assistem juntos, ao invés de falarem sobre a luta especulativamente. Terceiro ponto: Sócrates ouve em silêncio e só fala quando chamado a participar. Não se coloca a favor ou contra o aprendizado da luta, pois para ele a questão não é simples assim. É preciso mais tempo para teorizar sobre a formação da alma, sobre a virtude da coragem, e, acima de tudo, dar-se conta de que nenhum dos presentes estava preparado para opinar. O quarto aspecto é que o diálogo termina em aporia e seu resultado, negativo, é o dar-se conta de nada saber por parte dos interlocutores, o qual é o primeiro passo rumo ao saber. Através da maiêutica, Sócrates não responde nem orienta, mas promove um esvaziamento das determinações especulativas e distanciadas da vida e da ilusão de saber dos demais personagens.

### **Educação e clínica**

Como tem se dado hoje a formação dos filhos? Quais as preocupações na sua formação? Como são preparados para a vida e de que vida se trata? Que sejam bem-sucedidos, com uma profissão rentável e de destaque, que lhe proporcione status, dinheiro, poder, beleza, vantagens e conforto. Que sejam fortes, ativos, decididos, numa palavra, vencedores. Entre a preparação para a vida e a formação do currículo, esta última parece prevalecer com vantagem. Uma parte da existência que seria dedicada ao trabalho, à produção e consumo de bens, vem invadindo todo o espaço que seria de outras áreas da vida: a infância ocupada e produtiva, o lazer otimizado, a viagem programada, a alimentação regrada por contagem de calorias, carboidratos, glúten e lactose, o sexo turbinado, a vida sempre conectada e online, sem interrupção, onde quer que esteja, a qualquer hora do dia ou da noite, parecem ser exemplos dessa invasão.

Na TV os programas de culinária que ensinavam as receitas são substituídos por competições acirradas entre chefs adultos ou mirins que devem se tornar master. Cozinhar sozinho, em dupla, em equipe ou em família, não importa, desde que você se torne um masterchef no show de culinária. Não é incomum assistirmos ao choro dos participantes, crianças ou adultos, quando perdem alguma prova, sendo, frequentemente, humilhados pelos jurados. No masterchef júnior os participantes fazem pratos sofisticados num tempo exíguo sob o olhar ansioso dos pais e mães que torcem pela vitória. Devem acertar no sabor, na textura, na cor, na forma, na composição do prato, nos ingredientes, no tempo de cozimento, na combinação dos temperos. O

momento do julgamento é, não raro, de muita tensão até para o expectador que assiste de casa, aguardando o resultado para saber quem “irá para casa”, como dizem os jurados, chefs consagrados e exigentes que não escondem o olhar de reprovação para aquele que foi mal e o faz se sentir culpado porque falhou. Deveria ter feito de outra forma e mais rapidamente, mas não fez. Está desclassificado, mas não pode se zangar. Ao sair, agradece a oportunidade dos poucos minutos de fama. Quem sabe essa aparição o ajudará a abrir seu restaurante? Por esse sonho, suporta todos os sacrifícios. Chama a atenção, ainda, a proliferação dos programas que mostram tantos pratos apetitosos e elaborados, quando a regra é ser magro. Em um deles, que mostra o dia-a-dia de uma confeitaria famosa, alguns membros da família que administra o negócio aparecem obesos e são incentivados à cirurgia bariátrica enquanto uma superdose de bolos, doces e pães é por eles confeccionada todos os dias. Poderiam resistir, é claro, mas quem quer abrir mão de alguma coisa hoje em dia, especialmente se lhe dá prazer?

Seria bom refletir sobre desde quando educar e formar crianças e jovens para a vida se tornou sinônimo apenas de moldá-los para o sucesso financeiro, profissional, para competir e vencer no trabalho, no amor, no lazer, serem famosos, terem tudo o que quiserem.

Pensando nisso, lembramos que atendemos, certa vez, na clínica psicológica, uma menina de cinco anos. Seus pais, funcionários públicos do sistema judiciário, procuram atendimento psicológico para a filha. O casal está junto há sete anos. Ambos são bonitos, inteligentes, se amam e são bem-sucedidos profissionalmente. O pai cursa a segunda faculdade. Na cena bem-arrumada, não podemos deixar de pensar nos cânones modernos de felicidade. Então, o que incomoda?

Joanna tem se mostrado agressiva, dizem. Recentemente apanhou uma tesoura na gaveta do escritório e disse à mãe: posso te matar? “O que aconteceu nesse dia?” pergunta a psicoterapeuta. Joanna e a irmã mais nova de dois anos disputavam um brinquedo. A mãe entrou na brincadeira e ajudou a mais nova a vencer e levar o objeto. Joanna ficou com muita raiva. A mãe a mandou para o quarto. Em seguida, notou que a filha entrava no escritório e pegava a tesoura. Assustados com o que aconteceu, procuram ajuda.

Joanna tem outras atitudes consideradas inadequadas pelos pais. Tem medo do escuro e de insetos. É muito “fresca”, pois não gosta de pisar na areia. Na aula de espanhol não quis que a mãe assistisse a sua apresentação. Não gosta de ir às aulas de

natação. A irmã mais nova, ao contrário, é corajosa e arrojada, forte e independente, afirmam com orgulho na voz.

Joanna não se enquadra aos padrões da vida bem-sucedida em cena. Não é forte, independente, confiante, corajosa, arrojada, extrovertida o suficiente. A fragilidade de Joanna incomoda e preocupa os pais, que atendem aos requisitos de sucesso e felicidade contemporâneos e esperam que as filhas também o façam, para o seu próprio bem.

Durante as sessões de terapia Joanna desenha e apaga o que desenhou algumas vezes. Oculta seu desenho com as mãos e mostra-se preocupada com o que vão achar de sua produção. “– Está feio, não está? Não gostei”. Você acha que está feio? “– Não sei.” Do que você não gostou? “É que não sei desenhar bonito. Não está bom.” Apaga e refaz, na tentativa de que fique bom o suficiente. O que mais você não sabe fazer? “– Nadar”. E o que sabe fazer? “– Gosto de arrumar a casa. Posso arrumar a sua sala?” Joanna varre a sala e arruma os brinquedos. Tira o pó dos móveis. Quer que a mãe veja, ao chegar, o que ela fez. Durante a arrumação, escorrega e cai, batendo de leve com as costas em um objeto da sala. Verificamos juntas para saber se não se feriu, se está com dor. A preocupação de Joanna é que a mãe não saiba da queda. Apenas veja a sala arrumada por ela.

Na sessão seguinte faz um desenho. O que desenhou? “São duas meninas que precisam ser operadas às pressas ou vão morrer. A médica não sabe qual delas operar primeiro.” Como ela fará para decidir? “Ela vai perguntar a cada uma das meninas: quantos anos você tem? Quantos anos você tem? A que for mais velha, vai ser depois.” A situação existencial de Joanna e de seu mundo – contexto de significações – aparece na situação clínica. Não só a da criança e de seus pais, mas a de todos nós. Os pais não percebem sua com-posição neste contexto, isto é, o modo como são dispostos também como funcionais, até terem acesso ao desenho que Joanna autoriza mostrar e ouvirem a história que ela conta sobre a cena. Fazem lembrar a história de Eva Funari sobre o personagem Lolo Barnabé. Habitante da Idade das Pedras, Lolo vai inventando utensílios para ter mais conforto e proporcionar uma vida melhor à mulher Brisa e ao filho Finfo. O bordão que se repete a cada invenção é ‘todos ficaram felizes, mas nem tanto’. De invenção em invenção, o que seria para gerar mais tempo livre e com a família e para facilitar a vida de todos acaba se tornando o principal empecilho para que esse tempo seja, de fato, usufruído. Cada vez mais ocupado e passando mais tempo fora de casa, o casal se dá conta de que já não mais se reunia mais ao filho, não havia conversa, histórias em volta da fogueira. Finfo era cuidado pela TV e por sua babá, que

os pais agora podiam pagar, pois trabalhavam muito para dar conforto à família. Só não tinha mais os pais. Ao final do conto, Lolo, Brisa e Finfo estão reunidos em torno do fogo, como no passado. E cabe ao leitor decidir qual será o final da história, ou sua continuidade.

A partir de quando passamos a pensar que é necessário ser muito rico, ter muitos bens, ser bem-sucedido e invejado para sermos amados ou felizes? Nenhuma condenação a estas conquistas, mas a ressalva de que este não precisa ser o único projeto válido ao qual todos estaríamos destinados. O fracasso, a simplicidade, a frustração, a não satisfação plena de todos os anseios em tempo recorde também fazem parte de uma vida considerada plena ou feliz, embora nunca seja totalmente plena e feliz. E nem precisa ser.

Temos transformado aquilo que é da ordem da necessidade em possibilidade e vice-versa, o que é da ordem da possibilidade em uma necessidade. Ter filhos, por exemplo, é uma possibilidade. Mas depois que eles chegam, é necessário estar com eles, educá-los e formá-los. A confusão que aí se estabelece faz com que se tenham filhos para postar fotos na rede social, sem que se esteja disposto a atender aos limites e necessidades que criar alguém traz. Desejam-se ardentemente os louros da maternidade e da paternidade, sem os ônus que vêm no mesmo pacote. Depois de nascidos, a escola, os avós, a babá, alguém precisa dar conta do rebento. Claro que não se trata de sobrecarregar pais e mães sem nenhum apoio ou suporte. Nem de repisar os papéis reproduzidos desde o século XIX, que definiram a família higiênica e romântica como ideal universal. Apenas lembramos que a tarefa não poderá ser delegada à pura e simples preparação para o mercado de trabalho nas melhores escolas e cursos e à certeza de que isso basta. De que os filhos são investimentos programados para o futuro, o que faz perder de vista quem são eles agora, ao nosso lado. Inúmeras situações clínicas revelam o mal-estar que se avoluma, fazendo parecer que ter filhos é sinônimo de problema, de dificuldade, de angústia, de infelicidade. Em uma dessas situações, uma jovem de dezesseis anos é pressionada a fazer medicina, quando escolheu outra área. Os pais dizem claramente que deverá ser médica para ganhar dinheiro. E só. Em outra cena, um menino de um ano é trazido à psicóloga. Um ano de idade em terapia? Os pais dizem que ele morde os colegas na creche, grita e chora muito. Que as cuidadoras o amarraram à cadeirinha e ficaram marcas nas suas pernas. Quanto tempo ele passa na creche? O dia todo, respondem. E por que está na creche? Para se desenvolver mais rapidamente. E os irmãos? Estão em casa com a mãe. A mãe está em casa? Está. E por

que o bebê é deixado na creche? Silêncio. Parece que nem os pais sabem. Param para pensar durante a sessão de terapia. O menino brinca e quer que os pais olhem o que está fazendo. Estes se surpreendem e dizem que ele faz a mesma coisa no final de semana: quer mostrar aos pais o que faz. Estaria o fato de ficar fora de casa o dia todo, de ser amarrado à cadeirinha (prática de tortura, sem dúvida) aos gritos, relacionado à queixa trazida? Tratar-se-ia, então, de culpabilizar os pais, chamá-los à atenção, despertá-los para a responsabilidade com o filho ainda bebê? Ou de ajudá-los a pensar no modo como temos, todos nós, desenraizados, vivido no contexto do horizonte epocal da técnica, do uso e exploração, que nos distancia do que é nos é mais próprio e do que nos é mais próximo existencialmente? Vai se delineando a diferença entre o trabalho clínico que se define como pedagógico e orientador, do qual queremos nos distanciar, e a clínica como cuidado de si, com o outro e com a vida (Mattar, 2016), a partir de como esta se desvela em nosso tempo. De fato, o mal-estar se avoluma se as relações forem pautadas na calculabilidade técnica, que ameaça dominar todos os espaços da existência. Mas, não precisa ser assim.

Se a correspondência ao ser dos entes como vem se dando como provocação e cálculo, possibilitando vislumbrar a nossa situação existencial no presente, talvez pensar sobre essa correspondência possa nos ajudar a recuar um pouco a fim de entendermos o que está em questão.

### **Um pouco de filosofia**

Recorremos ao filósofo alemão Martin Heidegger (1889-1976), para o qual o corresponder ao ser do ente que se exerce de forma apropriada é a filosofia no sentido grego, isto é, *philosophia*. (HEIDEGGER, 2006). Filosofar é ser dócil ao apelo do ser dos entes, sem confundir ente e ser; é escutar o que, como voz do ser, se dirige a nós, dispondo nosso corresponder. Dis-posta e con-vocada, a correspondência é sempre uma disposição – “tonalidade afetiva que nos harmoniza e nos convoca por um apelo” –, que é escuta ao apelo do ser dos entes. (p. 29). Somente o homem co-responde a esse apelo, e é isso justamente, o que o torna humano. No entanto, em nosso tempo, essa correspondência fica reduzida ao modo técnico calculante de desvelamento do real, deixando pouco espaço para o que não seja produtividade.

No entanto, apesar do modo já dado pelo qual vemos a vida, o phátos ou disposição da filosofia é o espanto. Não é a certeza, nem a representação, tampouco a familiaridade. E o que acontece no espanto filosófico pode ser aproximado do que

acontece na clínica: nele detemo-nos, retrocedemos “diante do ente pelo fato de ser e de ser assim e não de outra maneira.” (p. 30). O espanto é, portanto, um retroceder diante do ser do ente (tudo aquilo que vem ao nosso encontro no mundo), mas não só: é, também, no ato de retroceder, manter-se em suspenso e:

[...] ao mesmo tempo atraído e como que fascinado por aquilo diante do que recua. Assim o espanto é a dis-posição na qual e para a qual o ser do ente se abre. O espanto é a dis-posição em meio à qual estava garantida para os filósofos gregos a correspondência ao ser do ente. (HEIDEGGER, 2006, pp. 30-31).

De outro tipo é disposição que “levou o pensamento a colocar a questão tradicional do que seja o ente enquanto é, de um modo novo” começando uma nova época da filosofia, que perdura até hoje. (p. 31). A filosofia passa a indagar pelo ente verdadeiro, a certitudo. A dis-posição filosófica passa do espanto grego para a dúvida cartesiana que fixa a indubitabilidade do cogito para o ego do homem. O ego se transforma em sub-iectum e “a essência do homem penetra pela primeira vez na esfera da subjetividade no sentido da egoidade.” (p. 31). Assim, a dis-posição afetiva da dúvida “é o positivo acordo com a certeza.” (p. 31). A certeza se torna a medida determinante da verdade e o phátos do pensamento moderno será a “confiança na absoluta certeza do conhecimento a cada momento acessível [...]”. (p. 31).

Com tal reflexão, Heidegger propõe colocarmo-nos à escuta da voz do ser, numa correspondência propriamente assumida, uma vez que a disposição afetiva fundamental do pensamento atual permanece oculta pela ideia de que a representação e o cálculo lógicos estariam livres de qualquer disposição ou predisposição.

O corresponder em sentido próprio é um falar a serviço da linguagem, linguagem compreendida a partir da experiência grega e não como instrumento de expressão. Heidegger contraria a fórmula segundo a qual a linguagem expressa o pensamento, e afirma que é o pensamento que está a serviço da linguagem, lógos, apelo do ser dos entes. Filosofar, ou pensar, é corresponder, manifestando na linguagem, ao apelo do ser dos entes. A atitude filosófica é a do recolhimento no qual sejamos interpelados pelo ser do ente, que é fenômeno.

A disposição da correspondência se dá como comum-pertencer homem-ser. O homem é um ente ao mesmo tempo inserido no ser, pertencente à totalidade do ser, e, “enquanto ser pensante, aberto para o ser, está posto em face dele, permanece relacionado com o ser e assim lhe corresponde. O homem é propriamente esta relação

de correspondência, e é somente isto.” (HEIDEGGER, 2006, p. 44. Grifo do autor). No homem impera um pertencer ao ser que escuta ao ser, este, por sua vez, entregue ao homem como propriedade. O ser, por sua vez, se apresenta ao homem, só é e permanece “enquanto aborda o homem pelo apelo” (p. 44). O ser também está entregue ao homem como propriedade. Não é posto pelo homem, mas por ele torna-se claro. Pertencemos ao ser e ele nos pertence, numa reciprocidade originária ou identidade. Heidegger designa o estar entregue do homem como propriedade ao ser, que por sua vez é apropriado ao homem, de acontecimento-apropriação. O arrazoamento atual que reúne, em nossa época, homem e ser no moderno universo da técnica, é chamado por Heidegger de prelúdio a caminho do acontecimento apropriação, que é o “âmbito dinâmico em que homem e ser atingem unidos sua essência, conquistam seu caráter historial”, perdendo as determinações da metafísica. (pp. 49-50). Pensar o acontecimento (o comum-pertencer de homem e ser que se dá como arrazoamento) como acontecimento-apropriação é “trabalhar na edificação desse âmbito dinâmico” (p. 50) no qual residimos e que se constrói através do pensamento a serviço da linguagem, à qual está entregue nossa essência como propriedade.

Em nosso tempo o apelo do ser fala na essência da técnica moderna, que provoca a existência “a se dedicar ao planejamento e ao cálculo de tudo”. (p. 46). O ser também é provocado a “manifestar o ente no horizonte da calculabilidade.” (p. 47). Nossa situação existencial é o arrazoamento, no qual o apelo do ser dos entes é uma provocação à planificação e exploração e a escuta e correspondência a esse apelo é também uma provocação ao cálculo. Tratar disso, pela reflexão, configura outro modo de receber a situação clínica, que pode nos colocar a caminho do nosso caráter historial, perdendo as determinações da metafísica. Não é isto o espanto? Enquanto a dúvida pede certeza, resposta, orientação, definição, o espanto é dis-posição que nada pede. Recua para permanecer, ao mesmo tempo, atraído e fascinado pelo que apela no âmbito do comum-pertencer de homem e ser.

Quando pensamos sobre a clínica – onde aportam situações ligadas ao modo como temos vivido, portanto, também à educação –, está em questão o modo como vem se dando o comum-pertencer homem-ser, isto é, nosso modo de correspondência ao real que hoje nos provoca à maneira funcional, produtiva e instrumental de viver. Como Sócrates mostrou aos interlocutores no diálogo platônico, não há como tratar o outro sem nos colocarmos, primeiramente, em questão. Arriscamos dizer que a clínica poderá ser um espaço para a construção desse âmbito dinâmico do qual fala Heidegger, onde o

pensar a partir do horizonte histórico da técnica moderna, com suas determinações de eficácia, rendimento e normalização disciplinar, abra caminho para uma escuta mais livre do apelo do ser dos entes e para uma fala-correspondência que seja o espanto – recuo do que é mais próximo para justamente aproximar-se – e não a familiaridade cega.

O modo como temos vivido se descortina na inadequação daqueles (as) que chegam à clínica como desadaptados no contexto de funcionalidade, força, competição e produtividade. Ter medo, não ser forte, madura e autônoma aos cinco anos de idade, ficar com raiva e ciúmes, como aconteceu com Joanna, aparecem como comportamento problemático ou como uma tentativa de chamar a atenção dos pais. De forma parecida, querer escolher uma profissão não apenas pelos rendimentos ou não suportar estar o dia todo na creche onde se é amarrado, longo de casa, dos pais, acabam sendo vistos como dificuldades de adaptação ou transtornos psíquicos a serem solucionados pelo psicólogo ou psiquiatra. Os pais, ou demais adultos responsáveis, por sua vez, se preocupam se estão agindo corretamente, preparando os filhos para o ranking de oportunidades da vida transformada em uma corrida pela vitória cujo traço de chegada se afasta sempre que dele nos aproximamos; ou se dão atenção suficiente, afeto suficiente, tempo suficiente, sendo regidos pelo binômio falta-suficiência, muitas vezes alimentado pelos discursos e práticas psi.

Na clínica é possível silenciar o burburinho das informações e sugestões, conselhos e orientações, sempre numerosos no repertório de ações dos psicólogos. Essas orientações não irão desaparecer, pois fazem parte do modo como lidamos com as situações-problema na atualidade. No entanto, é possível resistir à tentação de ceder a elas e silenciar para escutar; ir além do acontecimento clínico para vislumbrar o acontecimento-apropriação que vincula originariamente homem e ser, lendo, do ponto de vista ontológico, a existência no horizonte histórico no qual nos movemos. Se este não pode ser modificado a partir da decisão, da vontade ou do poder, todos fortemente enraizados neste mesmo horizonte epocal, precisa, todavia, com urgência, ser tematizado. Tal como fez Sócrates no *Laques* ou da *Coragem*. Tal como fazem educadores e clínicos, pais e mães, jovens e crianças, desde possam falar e mostrar-se por si mesmos. Só não podemos prometer que resistiremos à tentação de perguntar: terá o nosso trabalho ficado bom o suficiente? Melhor terminar em aporia.

## REFERÊNCIAS

FUNARI, E. **Lolo Barnabé**. São Paulo: Editora Moderna, 2010.

HEIDEGGER, M. **Que é isto** – a filosofia. Identidade e diferença. Tradução, introdução e notas Ernildo Stein, Petrópolis: Vozes; São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2006.

MATTAR, C. M. **Psicologia, cuidado de si e clínica**: diálogos com Kierkegaard e Foucault. Rio de Janeiro: Via Verita, 2016.

PLATÃO (427?-347? a. C.) Laques (ou da coragem). In: **Diálogos IV**: Crátilo (ou da correção dos nomes), Cármides (ou da moderação), Laques (ou da coragem), Ion (ou da ilíada), Menexeno (ou oração fúnebre)\Platão; tradução, textos complementares e notas Edson Bini, São Paulo: EDIPRO, 2010.